

Igreja de Nossa
Senhora do Ó,
Águas Santas,
cachorro

História

p.32

Despertar o caos: as pandemias e as suas transformações na sociedade ao longo dos tempos

Existem partes do mundo que estão habituadas a lidar com surtos epidemiológicos e pandemias de larga escala: o continente africano enfrenta, diariamente, os desafios colocados pela malária, ébola e VIH/SIDA; e o sudeste asiático tem sido o epicentro de múltiplas enfermidades e de novas doenças respiratórias, que rapidamente se propagam até outros continentes. Para os ocidentais, apesar das ameaças ocasionais de SARS (2002-2004) e do vírus influenza H1N1 (2009-2010), os cenários distópicos de cidadãos com máscara na rua, de cidades em quarentena e de hospitais sobrelotados, representam uma novidade indesejada que, no fundo, é um problema de memória histórica.

Mas é muito provável que as pessoas mais velhas se recordem de como, em outros tempos, era comum rezar-se, antes de se adormecer, para que Deus os protegesse da fome, da peste, da guerra e da morte. Durante séculos, os quatro cavaleiros do Apocalipse permaneceram agrilhoados ao imaginário, às crenças e aos temores de gerações habituadas a lidar com enfermidades incuráveis, a fatalidade do inexplicável e os mistérios insondáveis da morte. O desenvolvimento científico dos últimos cem anos transformou estes sentimentos em algo de novo: desmitificando as doenças, melhorando os tratamentos médicos e assegurando um incremento na esperança média de vida. Daí as ondas de choque provocadas pela atual pandemia de SARS-CoV-2, que revelam debilidades nos sistemas de saúde, nas estruturas económicas e no tecido social. Fragilidades socioeconómicas que, consoante a circunstância pessoal, conduzem a diferentes questões: O que é que acontecerá a seguir? De que forma é que a economia recuperará? Será possível construir uma sociedade melhor a partir deste momento?

Não é a primeira vez na história que a sociedade humana é abalada por uma bactéria ou por um vírus. Os exemplos são abundantes e recuam a longas distâncias temporais. Ainda recentemente se identificou, através de análises forenses a vestígios de um caçador-recolector descoberto no século XIX, na atual Letónia, que a *Yersinia Pestis* matava pela Europa há cinco mil anos e que as suas origens poderão recuar até cerca de sete mil anos, em pleno Neolítico¹. Passariam alguns milhares de anos até que essa bactéria se tornasse pandémica e perigosamente mortal: entre os anos de 541 e 750, as estimativas sugerem que a peste bubónica terá provocado a morte a metade da população europeia; e que, entre 1347 e 1353, tenham perdido a vida entre cem e 300 milhões de pessoas.

Seguiram-se outras pandemias ao longo da história, com números igualmente significativos e trágicos. Os exemplos são abundantes, com o vírus da varíola a ter dizimado cerca de 500 milhões de pessoas ao longo dos tempos; a bactéria responsável pela cólera a matar milhões de pessoas, continuando a infetar e a causar a morte a cerca de 28 mil pessoas por ano; o vírus Influenza H1N1, a Gripe Espanhola, que terá infetado 500 milhões de pessoas e causado a morte até cerca de 100 milhões de pessoas. Um outro vírus, menos mencionado, é o VIH, o vírus da imunodeficiência adquirida, que dá origem à síndrome da imunodeficiência adquirida (ou SIDA). Trata-se de um vírus ao qual Organização Mundial da Saúde atribuiu o estatuto de pandemia e que mata, em média, 770 mil pessoas por ano, havendo cerca de 37.9 milhões de pessoas infetadas em todo o mundo.

¹ SUSAT et al, 2021, "A 5,000-year-old hunter-gatherer already plagued by *Yersinia pestis*." *Cell Reports*, v. 35, n. 13.

Estes exemplos têm um único propósito: demonstrar que as sociedades ocidentais se adaptaram, em tempos recentes e com sucesso, a uma ideia de imunidade e de controlo das suas vidas, e que essa conceção foi violentamente afetada pela pandemia de Covid-19. Por isso, é normal que surjam dúvidas e inquietações em relação ao presente e ao futuro. Embora a história não tenha qualquer capacidade de prever o que acontecerá a seguir, nem de dar garantias sobre se as soluções atuais são as mais adequadas, poderá fornecer ferramentas para que se percebam as consequências mais comuns deste tipo de surto epidemiológico.

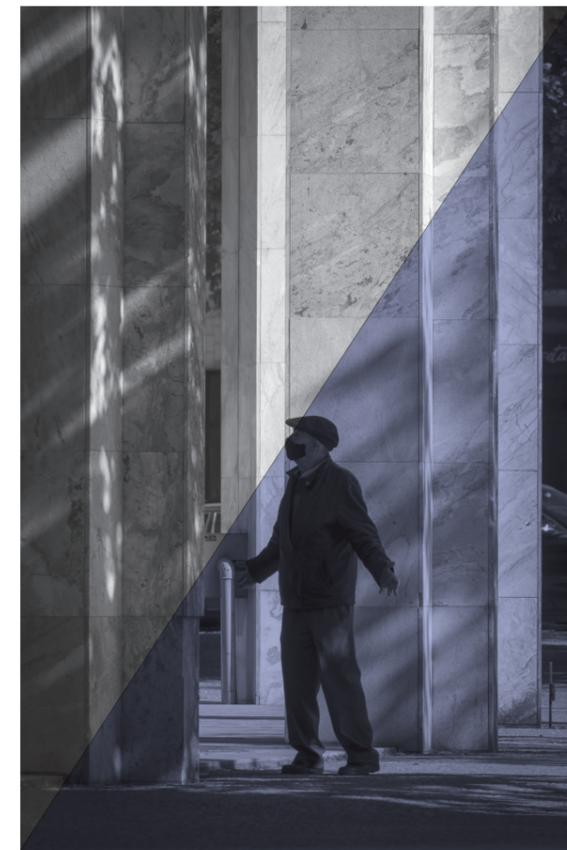
Cada pandemia trouxe consigo um conjunto de inovações e de transformações nos quadros legislativos, institucionais, científicos, culturais, assistenciais e sociais. Vários historiadores e investigadores portugueses e estrangeiros escreveram sobre esses temas, existindo um número razoável de publicações disponíveis em acesso aberto nos repositórios das universidades portuguesas. O que interessa aqui é apontar exemplos das transformações. E algumas das principais mudanças ocorreram na gestão das enfermidades e nas atitudes perante a morte. A lepra, por exemplo, deu origem àquilo que André Vauchez apelidou de "revolução da caridade", com a proliferação das instituições assistenciais. Durante a Idade Média, construíram-se espaços e instituições próprias (as gafarias) para o acolhimento de doentes. De forma a combater o sofrimento, desenvolveram-se regimes alimentares paliativos para as pessoas doentes: com figos e legumes; e o uso, na alimentação, de pimenta, cominhos e mel, que acreditavam ter efeitos terapêuticos. Perante a ideia da morte, deu-se, também, uma revalorização da palavra escrita e, em particular, dos testamentos: era uma forma dos vivos resolverem os seus assuntos terrenos e de prepararem a sua vida *post-mortem*.

Talvez uma das questões que as pessoas se colocam com mais frequência seja sobre se as suas vidas irão melhorar depois da pandemia. No *Decameron*, Giovanni Boccaccio (1313-1375) eternizou as alterações causadas pela peste negra na sociedade e na economia: com um abandono de estruturas sociais estanques, um aumento da descrença religiosa, e com a adoção da máxima "Comei, bebei e alegrai-vos, pois amanhã morreremos". A escassez de mão-de-obra em certos setores provocou uma melhoria das condições salariais, uma maior igualdade social e uma melhoria das condições de vida. Talvez uma das mudanças mais significativas tenha que ver com a relevância do conhecimento, da educação e da ciência. Este surto de SARS-CoV-2 tem provado a importância que a investigação tem para que se encontrem soluções que permitam uma resposta tão imediata e robusta, como a comunidade científica deu, fornecendo múltiplas vacinas eficazes contra o novo coronavírus e suas variantes.

As grandes pandemias têm causado o empobrecimento maciço das sociedades e uma dose excessiva de sofrimento para muitas famílias, incapazes de prever o que o futuro lhes trará. Ao mesmo tempo, as pandemias despertam o caos e uma série de sentimentos antitéticos, que vão da acalmia à fúria, da apatia à criatividade. Em entrevista à *New Yorker*, uma professora jubilada da Universidade de Johns Hopkins (Maryland, Estados Unidos), disse acreditar, precisamente, que este caos permitirá abrir as mentes, de renovação mental². Num tom claramente otimista, Gianna Pomata defendeu que este contexto pandémico servirá para radiografar a sociedade, de forma que se diagnostiquem os seus problemas e se encontrem soluções. Perante a crise atual, a investigadora Maria Antónia Pires de Almeida assume uma postura um pouco mais alternativa e pessimista, sugerindo que não bastará diagnosticar e propor soluções, porque as sociedades tendem a relaxar e a cometer erros sociais, económicos, políticos, e até de higiene, semelhantes aos do passado³. Porque as pessoas não querem mudança; apenas anseiam regressar ao seu antigo normal. Esta nova vaga de casos de Covid-19, no início do verão de 2021, prova, de certo modo, esta hipótese.

2 WRIGHT, Lawrence – "How Pandemics Wreak Havoc–And Open Minds". *The New Yorker* (20 de julho de 2020), pp. 18-23.

3 Entrevista a Maria Antónia Pires de Almeida (CIES–IUL) sobre "A Cólera em Portugal no Século XIX," in *Pandemias e História na Era da Covid-19*, coordenado por Flávio Miranda. Porto: CITCEM, 19 de maio de 2020.



Arcada Nascente da Praça
Dr. José Vieira de Carvalho

É difícil de prever se a atual pandemia poderá suscitar um renascimento, uma sociedade melhor, mais justa, com menos desigualdade social. Será importante que as "bazucas" e os apoios europeus não desfaçam os alvos em investimento inútil e infrutífero, sem consequências de maior para a saúde, a educação, a ciência e a economia. E será crucial evitar que a situação atual favoreça o crescimento – como aconteceu em pandemias anteriores – de atitudes xenófobas e de crises sociais. Também será necessário acautelar que a euforia dos anos que se seguem não se transforme nuns loucos anos vinte, feitos de ilusão, de especulação e de um *crash* ainda mais duro na realidade.

Quando no século V a.C. uma epidemia assolou Atenas, Tucídides escreveu que "Se, por medo, as pessoas recusavam aproximar-se umas das outras, morriam abandonadas, e muitas casas ficavam assim vazias, por falta de alguém para prestar socorro". Um dos enormes falhanços das instituições e da sociedade, imediatamente diagnosticado pelo novo coronavírus, encontra-se na forma como as pessoas mais velhas têm sido tratadas. E essa é uma das primeiras tarefas a cumprir a breve prazo. De seguida, tudo resto: perceber a relevância dos cuidados de higiene, melhorar os sistemas nacionais de saúde, aperfeiçoar as condições de trabalho e de teletrabalho, valorizar as comunidades urbanas e os serviços de proximidade, investir na ciência e na educação de forma séria.

Os pessimistas continuarão a insistir que nada mudará: que os problemas sociais ficarão por resolver, que a pobreza permanecerá entre nós, que os enfermeiros terão de continuar a emigrar, que os professores prosseguirão sem perspetivas de carreira, que dificilmente aniquilaremos as desigualdades sociais, que o futuro dos nossos filhos será hipotecado durante gerações pelas más decisões políticas. Perante o caos e a incerteza gerados pela pandemia de Covid-19, o otimismo terá de ser o nosso melhor aliado para que continuemos a trabalhar – não por uma nova, mas por uma melhor sociedade.

Flávio Miranda

Doutor em História pela Universidade do Porto, investigador contratado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, integra o Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), Promotor da iniciativa "Pandemias e História na Era da Covid-19" (CITCEM/Casa Comum da Universidade do Porto)